



Compreendendo as Fanfarras ativistas a partir da Sociologia da Educação

Musical: uma revisão da literatura em processo

Comunicação

Cleiton Luiz Freitas de Oliveira¹
IFRS (Campus Alvorada)²
cleiton.oliveira@alvorada.ifrs.edu.br

Resumo: O presente trabalho partilha um momento do processo de revisão da literatura em um projeto de pesquisa de doutorado na educação musical ancorada na Sociologia da Educação Musical (SOUZA, 1996). Tem como tema as pessoas que fazem música na rua em fanfarras como forma de ativismo e participam de um evento de fanfarras ativistas. Apresenta a revisão realizada na etapa inicial da elaboração da investigação, avançando para as novas definições da pesquisa e uma discussão sobre os resultados mais recentes das buscas no processo de revisão da literatura. A argumentação busca demonstrar como este processo tem colaborado para a construção da pesquisa por permitir o acesso às produções sobre o tema. Como resultado prévio a revisão da literatura evidencia os diversos esforços de pesquisa sobre as fanfarras ativistas a partir de outras áreas do conhecimento bem como a pertinência desta investigação na área da educação Musical.

Palavras-chave: Sociologia da Educação Musical, Revisão da Literatura, Fanfarras Ativistas.

Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa em andamento no campo da Educação Musical, compreendida no sentido de uma área autônoma, “[...] significando que ela não está subordinada a outras áreas do conhecimento e que pode determinar sua problemática teórica bem como definir seus interesses e ter objeto próprio.” (SOUZA, 2020, P.15), em diálogo com outras áreas, situando-se mais especificamente como uma pesquisa na Sociologia da Educação Musical (SOUZA, 1996). Constitui-se teórico-metodologicamente a partir de uma abordagem qualitativa, compreendida como aquela que “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2013, p. 21).

¹ Doutorado em Música, área de concentração Educação Musical na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sob orientação da Professora Dr^a. Jusamara Souza na linha de pesquisa Educação Musical e Cotidiano.

² O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) apoia a realização desta pesquisa por meio do **Programa de Capacitação de Servidores**.



Inicialmente, propus como tema de pesquisa os **Coletivos Musicais de Rua**. Tive como motivação a observação dessas atividades musicais no cotidiano da cidade de Porto Alegre (RS), o que inclui a minha participação em um desses grupos. Após passados um ano e meio desde o ingresso nos estudos do doutorado, revisei aquela proposta em um exercício de reflexão sobre o lugar que esta pesquisa ocupa tanto na minha trajetória pessoal, quanto acadêmica e profissional. Em um caminho não linear, repleto de “idas e vindas”, pensar e repensar outras possibilidades e rumos da pesquisa e pesquisa fundamental é inevitável. Optei por seguir desenvolvendo o tema, aberto às transformações que o trabalho em conjunto com a orientação, as observações e a própria revisão da literatura possibilitam para uma construção mais bem delineada.

Música feita por coletivos de pessoas na rua, no entanto, pode representar uma vasta amplitude temática dadas às inúmeras variações desta atividade, seja na forma de blocos de carnaval de rua, fanfarras, shows e festivais de música ou protestos, manifestações políticas etc. E as pesquisas realizadas em uma mesma área, como na Educação Musical em nosso caso, podem partir de múltiplas abordagens, gerar diálogos entre áreas distintas e produzir resultados diversos.

No caminho destas possibilidades, tomei conhecimento da realização de um evento chamado *HONK! POA*³, uma versão porto alegreense de um Festival de Fanfarras Ativistas. Participei do evento realizando observações em algumas atividades como no bate papo de abertura, nas apresentações em um bairro periférico da cidade, no cortejo de encerramento e nas oficinas coletivas de instrumentos realizadas posteriormente ao evento. Troquei contatos com professores e professoras, músicos e musicistas participantes das oficinas e das fanfarras, tanto de Porto Alegre, quanto de Brasília. Em outra ocasião, estive na capital brasileira e em decorrência dos contatos que fiz no festival, pude acompanhar as fanfarras de lá em novas observações de apresentações e ensaios, conversando com integrantes e trocando novos contatos.

A experiência neste festival foi importante para tomar decisões sobre o campo da pesquisa, agora mais diretamente relacionado às *fanfarras ativistas*. A expressão surge da

³ Inicialmente criado em Boston (EUA) em 2006 - <https://honkfest.org/>, teve sua primeira versão brasileira na cidade do Rio de Janeiro em 2015 - <https://neofanfarrismo.wordpress.com/honk-rio/>, e atualmente além de Rio de Janeiro e Porto Alegre, tem versões sediadas em Brasília, São Paulo e Belo Horizonte.



própria observação de como estes grupos musicais são denominados pelo evento *HONK!*, em Porto Alegre e outros lugares do Brasil e do mundo. O evento é compreendido como o *locus*, dando unidade de sentido “às fanfarras que dele participam”, que por sua vez configuram-se como o campo da pesquisa. O tema desta investigação, portanto, está constituído como ***peças que fazem música na rua coletivamente em fanfarras como forma de ativismo***. Os percursos teórico-metodológico seguem em construção e tenho adotado o diário de campo como importante ferramenta para registro das observações e *insights* que o campo proporciona compreendendo o sentido de artesanato intelectual expresso por Mills, no qual me torno pesquisador à medida em que pesquiso (MILLS, 2009, p. 17).

Portanto, o presente trabalho tem por objetivos apresentar e discutir a revisão de literatura realizada até o momento e suas contribuições para este percurso desde uma problemática sentida em direção a uma problemática racional (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.103). Neste caso, como em um “cortejo”, utilizando a expressão própria das caminhadas das fanfarras pelas ruas, desde a ideia do tema como foi compreendido inicialmente acerca dos “coletivos musicais de rua” até “peças que fazem música coletivamente nas ruas em fanfarras como forma de ativismo”. Para isso, além desta introdução em que busquei explicitar o tema da pesquisa, apresento a seguir a gênese das minhas intenções de investigação e discuto brevemente a revisão preliminar da literatura construída para a primeira versão do projeto. No item seguinte, afirmo a perspectiva da qual estou partindo, bem como os resultados de uma revisão mais robusta da literatura e as contribuições deste processo para uma melhor compreensão sobre meu trabalho. Por fim, teço as considerações finais.

A curiosidade inicial e revisão preliminar da literatura

A curiosidade inicial desta investigação surgiu com a minha participação em um coletivo musical de rua na forma presencial⁴ no ano de 2019. Na época passei a observar a quantidade de grupos autodenominados “coletivos musicais” dos quais, alguns reivindicavam adjetivações como “independente”, “autônoma”, “de rua” ou “ativista”.

⁴ Durante a pandemia do SARS-COV-2 seguimos nos encontrando remotamente, voltando às ruas com a chegada das vacinas, o que se deu somente no ano de 2021.



Com a intenção de realizar a seleção para o doutorado, ao construir o projeto de pesquisa busquei por notícias e trabalhos sobre atividades culturais na rua relacionados à ocupação do espaço público urbano centrais e periféricos, à realização de oficinas musicais na rua bem como ao pertencimento à cidade e ainda à música “de” ou “das” ruas. Como primeiros resultados, encontrei diversas reportagens em jornais que noticiavam o aumento do carnaval e cultura musical coletiva de rua em todo o país na forma de blocos, rodas de samba, eventos de hip-hop, saraus, fanfarras e outros, a exemplo de São Paulo (LISBOA, 2019), Belo Horizonte (LOPES, 2015), Brasília (IZEL, 2020), Rio de Janeiro (VIRGÍLIO, 2016) e Porto Alegre (FOSTER, 2019). As notícias afirmavam aquilo que já era sentido a partir de observações práticas no cotidiano da cidade, nas redes sociais, em trabalhos músicos conhecidos e na minha própria atuação como músico nas ruas. Estas foram “[...] as primeiras percepções a respeito de uma situação que causa problema, e que merece ser questionada, examina de mais perto.” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.89) o que de acordo com os autores configura-se como “interrogações Iniciais” (ibid.) sendo, geralmente mais relacionadas ao pensamento intuitivo e sem uma lógica rigorosa (ibid).

No seguinte momento realizei a leitura da dissertação de Celson Gomes (GOMES, 1998), situada nos diálogos entre educação musical e sociologia do cotidiano, a respeito da formação e atuação de músicos das ruas na cidade de Porto Alegre. O estudo contribui para compreender de forma mais concreta outras possibilidades de olhares a partir da educação musical em contextos não institucionalizados como no caso das relações “música e rua”.

Consultei, também os trabalhos de Tourinho (1995) e Cruvinel (2003), sobre ensino coletivo de instrumentos, e de Rozzini (2012) e Tolio (2017) sobre ensino de instrumentos de percussão em organizações não governamentais. As leituras tornaram possível a compreensão de que suas perspectivas dialogavam mais com o debate sobre ensino coletivo de instrumentos e menos com aquela que desejava desenvolver mais próxima de um diálogo sociológico sobre as relações de produção de conhecimento entre as pessoas e as músicas em suas organizações coletivas.

Por último, encontrei duas produções que consideravam o fenômeno dos grupos musicais de rua. Sob o prisma da comunicação e cultura, Herschmann (2013) apontava para o expressivo crescimento do carnaval de rua carioca identificando estes movimentos



musicais de rua como um fenômeno do início do século XXI. Por sua vez, Andrade (2017), a partir de um debate sobre o direito à cidade, analisava a recente retomada do carnaval de rua em Belo Horizonte/MG.

Os trabalhos que encontrei, tiveram um importante papel na fase inicial da pesquisa justamente por possibilitar alguns passos tanto no processo de escrita, quanto no próprio aprendizado sobre a “ação pesquisadora”. O próprio exercício de buscas por literatura foi me ajudando a direcionar o olhar e avançar no processo de definição do foco. É preciso considerar também, que a própria “[...] fixação dos objetivos implica ter sido já realizado alguma revisão preliminar da literatura.” (GIL, 2021, p.79). Esta revisão preliminar à que o autor se refere, foi fundamental nesta etapa inicial, pois ajudou na construção dos caminhos e objetivos, os quais não estavam prontos ou definidos *a priori*.

O cortejo nos trouxe até aqui: novos passos na revisão da literatura

A perspectiva que tenho escolhido, como possibilidade de trabalho ainda está em construção, mas tem sido pensada e alinhada a uma sociologia da educação musical como ciência autônoma, que, como qualquer outra área do conhecimento, se faz em diálogo com outras áreas, sem perder o horizonte da Educação Musical, como evidencia Jusamara Souza (1996). **Tenho por objetivos, investigar as condições e os conhecimentos musicais - em sentido amplo - construídos para que torne possível a existência e atuação destes grupos.** Portanto, a partir de uma curiosidade sociológica que procura compreender a sociedade de forma disciplinada sobre temas como “[...] problemas de posições e preferências, relação entre trabalho e lazer, relação de papéis dos indivíduos em grupo bem como produção cultural e formas de organização da vida humana” (SOUZA, 1996, p.16-17). No caso da pesquisa de qual este trabalho é um recorte, estas questões se põem de forma relacional aos coletivos musicais que participam de um *festival de fanfarras ativistas*. No sentido trazido por Kraemer (2000), procuro compreender nestas relações como se dão os “processos de transmissão e apropriação do conhecimento musical” (KRAEMER, 2000, p.51).

A revisão da literatura, nesse contexto, tem o importante papel de “[...] apresentar e discutir os conceitos e as teorias e que se pretende usar para orientar a pesquisa e ajudar a analisar e interpretar os dados” (GIL, 2021, p.74). Após uma definição mais delineada do



tema, realizei buscas no portal de periódicos da CAPES⁵, no Catálogo de Teses e Dissertações (site da CAPES)⁶, e na revista da ABEM⁷ nos seis últimos anos de publicações. Outras pesquisas foram sendo realizadas a partir das referências bibliográficas dos trabalhos encontrados e das sugestões da orientação e outras e outros interlocutores. Recentemente encontrei interessantes produções em língua inglesa sobre os quais ainda não foi possível me debruçar, que fui encontrando a partir das buscas e referências bibliográficas de outros artigos. Entre eles, destaco um livro chamado *HONK! A Street Band Renaissance of Music and Activism*, (GAROFALO et al., 2020) com vinte artigos em que diversos autores discutem o festival sob aspectos históricos, de organização política, de inclusão, sobre protestos além de repertório, *performance* e dimensões pedagógicas.

Nas buscas realizadas na revisão preliminar da literatura, parti em um primeiro momento das expressões “**coletivos musicais de rua**” e “**coletivos musicais independentes**”, de forma que se mantivesse uma proximidade com a forma como alguns grupos que tocam nas ruas de Porto Alegre se autodenominam em suas redes sociais⁸. Logo nos primeiros exercícios de buscas demonstrou-se a necessidade de refinar aqueles termos pesquisados frente aos resultados que foram obtidos, com o cuidado de manter-se próximo ao fenômeno musical em foco e, ao mesmo tempo alcançar produções que dialogassem mais diretamente. A exemplo disto, substituí a expressão “coletivo(s)” por “grupo(s)”, pois na área da música ou educação musical o termo “coletivos” está mais relacionado à “ensino coletivo de instrumentos musicais”, o que não faz parte do escopo de interesse desta pesquisa. Mais recentemente, tenho utilizado os termos “**grupo(s)**”, “**música**”, “**educação musical**”, “**rua**”, bem como “**fanfarras**”, “**ativismo**” e “**honk**”, o que é resultado dos caminhos da pesquisa e dos quais a revisão da literatura desenvolve um importante papel para compreender e captar “o que” tem e “como” o campo da educação musical tem desenvolvido. Este processo, portanto, tem sido compreendido como um “[...] levantamento acerca do que já se conhece em relação ao assunto que está sendo pesquisado” (GIL, 2021, p.74) desenvolvendo-se na prática de forma a observar a esta afirmação de Gil ao discutir as finalidades da revisão da literatura.

⁵ <http://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/>

⁶ <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>

⁷ <http://abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/index>

⁸ À época, com base nas redes sociais de alguns grupos, sobre os quais possuía interesse em pesquisar.



A respeito dos exercícios de buscas mais recentes pelos caminhos já citados, tenho encontrado trabalhos em língua portuguesa nas áreas de Antropologia, Ciências Sociais/Sociologia, Comunicação e Música/Musicologia. Nesse caminho, junto com a orientação, temos operado de acordo com a metáfora fotográfica trazida por Laville e Dionne, para quem o pesquisador pode proceder como um *zoom*, buscando primeiramente uma “[...] tomada ampla de sua pergunta, sobre um espaço documental que a ultrapasse grandemente, mas sem dele desviar os olhos e, assim que possível, fechar progressivamente o ângulo da objetiva sobre ela.” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.112). Nesse sentido, aqui apresento inicialmente os trabalhos que partem de outras áreas, em diálogos mais amplos, trazendo em seguida aqueles com mais proximidades do campo musical, mesmo que em outras perspectivas distintas naquela sob a qual tem se construído esta investigação.

A dissertação de Luana Garcia Fusaro (FUSARO, 2018), analisa a partir da Antropologia, algumas manifestações artístico-culturais de ocupação do espaço público como ferramentas de reivindicações políticas em Aracajú - Sergipe. Os eventos, não exclusivamente musicais, ocorreram entre os anos 2013 e 2016 e a investigação foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas, observação participante e análises de outros materiais audiovisuais, buscando compreender como as manifestações artísticas e autorais “[...] se configuram enquanto ação política” (FUSARO, 2018, p.114).

Ivone dos Passos Maio, em artigo de 2021, apresenta recortes da pesquisa de doutorado em andamento nas Ciências Sociais e traz reflexões acerca de manifestações culturais de rua, bem como sobre a presença da arte em protestos, discutindo a dimensão de “ocupação do espaço público”. Busca identificar os caminhos da “[...] gênese dessas iniciativas nacionais de ocupação lúdica dos espaços [...]” (MAIO, 2021, p.8), bem como nas iniciativas internacionais. A autora realiza também, um debate que evidencia legitimações e deslegitimações destas práticas enquanto “política” a partir da sociopolítica, mas, sobretudo procura compreender os sentidos políticos dessas ações para organizadores dos eventos e manifestações sobre os quais se debruça.

Após a leitura do artigo anterior, busquei uma das referências debatidas pela autora sobre a gênese de movimentos do início dos anos 10, a exemplo de da *Primavera árabe* e *Occupy Wall Street*, que muitas vezes contaram com manifestações artísticas. David Harvey



(2012) discute como o mercado global, por meio de ações do estado, busca “[...] excluir o público do espaço público [...] e, se necessário, criminalizar e prender quem não aceitar amplamente suas ordens” (HARVEY, 2012, p.65). Partindo da minha própria experiência em coletivos musicais que ensaiam e tocam nas ruas, bem como de diálogos com colegas participantes desses e se outros coletivos, podemos afirmar que em diversas ocasiões, a simples realização de música na rua se tornou caso de polícia. Compreendo que o debate sobre conhecimentos construídos por músicos e musicistas como estratégias para “driblar” estas situações seja de interesse para a área da educação musical. No processo de revisão vai se tornando nítido o quanto a área da educação musical pode e deve dialogar com as outras áreas, como já foi dito, contudo, sem que perca de vista seu horizonte. Conhecer as questões centrais para outras áreas do conhecimento tem possibilitado tanto ampliar diálogos entre as áreas, quanto compreender melhor as margens de atuação destas áreas.

Herschmann (HERSCHMANN; CABANZO, 2016; HERSCHMANN, 2014; HERSCHMANN; FERNANDES, 2014; HERSCHMANN, 2013) possui uma vasta produção que relaciona as temáticas de música e juventudes no espaço urbano. É um dos autores de quem mais encontrei trabalhos que dialogam com o campo empírico da pesquisa que estou realizando, porém, na área da Comunicação, debatendo a partir de outros interesses investigativos. O autor tem tratado os concertos musicais nos espaços públicos “[...] na forma de rodas, bailes, fanfarras e *jam sessions* [...] cada vez mais como um objeto de estudo instigante e de enorme relevância não só cultural, mas também sociopolítica e econômica” (HERSCHMANN & FERNANDES, 2014, p.2). Busca por meio de entrevistas e análises de materiais impressos e veiculados em redes sociais debater o crescimento das (neo) fanfarras avaliando “[...] em que medida o crescimento do ativismo nômade musical das fanfarras nos espaços públicos vem afetando o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.” (HERSHMANN, 2014, p.10). Herschmann e Fernandes (HERSHMANN; FERNANDES, 2014, p.35-36) trazem o termo “neofanfarrismo” como uma forma de distinção utilizada pelas fanfarras ativistas a partir de 2008, relativa ao seu próprio ativismo político em contraposição à figura do “fanfarrão”.

Por fim, a dissertação de Martins (2017) assim como outros trabalhos de sua autoria (MARTINS, 2015; 2020) na área da Música, investiga etnograficamente o ativismo musical



das (neo) fanfarras cariocas em protestos políticos. O autor “[...] procura compreender as características do músico ativista nos blocos de protesto do Rio de Janeiro.” (MARTINS, 2020, p.75). Partindo de entrevistas com integrantes dos grupos, analisa “[...] discursos e disputas de poder com outros blocos e o uso do espaço urbano” (MARTINS, 2020, p.75), buscando, sobretudo entender os sentidos de ocupação deste espaço e da militância política para os músicos e musicistas ativistas.

Pode-se afirmar, a partir dos trabalhos encontrados, que muito se tem produzido sobre o fenômeno ao qual passo a me debruçar na pesquisa em Educação Musical. Com outros interesses e outras perguntas, percebe-se um olhar a partir de diferentes áreas. Busca-se tanto os sentidos de ação, participação ou ativismo político em produções de áreas como ciências sociais, sociologia e antropologia, quanto aqueles mais ligados a etnomusicologia para a qual, com auxílio de Nattiez, volta-se para “[...] uma] descrição etnográfica de seus contextos socioculturais” (NATTIEZ, 2020, p.417). Estas últimas, por vezes em diálogo com a área da comunicação, pesquisam exatamente as fanfarras ativistas buscando compreender suas práticas, estruturas musicais, rítmicas, de arranjos, instrumentação, bem como as relações entre ativismo e música.

Consideração finais

Ao revisar estas produções, vão se tornando mais evidentes os esforços já realizados de pesquisas sobre o ativismo musical, principalmente em Fanfarras Ativistas ou, neofanfarras. Aos poucos, as observações que venho fazendo no campo, vão ganhando outros contornos e definições. Também se tornam mais nítidas as possibilidades de contribuições que ainda podem ser realizadas por estudos no campo da educação musical. Esta, inclusive, é uma das finalidades desta revisão uma vez que nela, o pesquisador

tenta encontrar essencialmente os saberes e as pesquisas relacionadas com sua questão; deles se serve para alimentar seus conhecimentos, afinar suas perspectivas teóricas, precisar e objetivar seu aparelho conceitual. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 112).

Assim, este processo tem contribuído para que se torne mais consciente a existência de outras produções e de autoras e autores com quem posso dialogar. A partir de



seus trabalhos, constituem um grupo de pessoas com interesses no mesmo tipo de atividade: as fanfarras ativistas. Alguns destes e destas pesquisadoras, inseriram em seus trabalhos, trechos de entrevistas com seus colaboradores, o que em uma leitura minuciosa pode ainda indicar outros caminhos.

É preciso levar em consideração que este trabalho de revisão da literatura ainda está em processo. Isto significa a necessidade de continuar a buscar por outras produções, incluindo a literatura internacional, para compreender, de acordo com a sugestão de Gressler (2007) os dois tipos básicos de revisão, sendo

a) aquela que o pesquisador utiliza para ter clareza sobre as principais questões teórico-metodológicas ligadas ao tema escolhido, e b) aquela que vai, efetivamente, integrar o relatório do estudo. A primeira compreende a **bibliografia consultada**; a segunda constitui as **referências** do trabalho. (GRESSLER, 2007, p.144, grifo da autora).

Ou seja, nestas idas e vindas comuns a processos de pesquisa, torna-se preciso compreender que esta etapa da revisão da literatura não tem a única finalidade de se buscar produções para o diálogo ou como exprime Laville e Dionne, “[...] não é uma caminhada pelo campo onde se faz um buquê com todas as flores que se encontra” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.112). Neste sentido, para além da finalidade de encontrar trabalhos e interlocutores para compor o texto, a prática artesanal da revisão da literatura contribui para o próprio desenvolvimento de intenções e possibilidades de pesquisa na área. Além disto, a revisão da literatura tem sinalizado para a importância deste estudo, sobre esta temática ainda pouco estudada a partir do campo da Educação Musical.



Referências

ANDRADE, Carlos E. F. Resistir, festejar: Tico Tico Serra Copo, ação direta e apropriação do espaço no carnaval contemporâneo de Belo Horizonte. *Rev. Bras. de Estudos Urbanos e Regionais*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2017.

CRUVINEL, Flavia Maria. *Efeitos do ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: a educação musical como meio de transformação social*. 2003. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, 2003.

FOSTER, Gustavo. Como o carnaval de Porto Alegre Voltou para as ruas? *Gaúcha ZH*. Porto Alegre: 15 de fevereiro de 2019. Disponível em < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2019/02/como-o-carnaval-de-porto-alegre-voltou-para-as-ruas-cjs651y6v041b01liownk8p8f.html> > Acesso em: 18 out. 2020.

FUSARO, Luana Garcia. *Juventude e ocupações culturais em Aracaju: da arte ao protesto*. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Aracaju, 2018.

GAROFALO, Reebee; ALLEN, Erin T.; SNYDER, Andrew (Ed.). *HONK!: A Street Band Renaissance of Music and Activism*. New York: Routledge, 2020.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GOMES, Celson H. S. *Formação e atuação de músicos das ruas de Porto Alegre: um estudo a partir dos relatos de vida*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação Musical). Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

GRESSLER, Lori Alice, *Introdução à Pesquisa, projetos e relatórios*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

HARVEY, D. *Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nêmesis*. In: HARVEY, D. et al. *Occupy*. São Paulo: Boitempo, 2012.

HERSCHMANN, Micael. Apontamentos sobre o crescimento do Carnaval de rua no Rio de Janeiro no início do século 21. *Rev. Bras. Ciên. Comum*. São Paulo, v. 36, n. 2, São Paulo, 2013.

HERCHMANN, Micael; FERNANDES, Cintia Sanmartin. *Músicas nas ruas do Rio de Janeiro*. São Paulo: Intercom, 2014.



HERSCHMANN, Micael. Ambulantes e prontos para a rua: algumas considerações sobre o crescimento das (neo) fanfarras no Rio de Janeiro. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p. 10-28, 2014.

HERSCHMANN, Micael; CABANZO, Maria Pilar. Contribuições do grupo musical *Songoro Cosongo* para o crescimento do carnaval de rua e das fanfarras cariocas no início do século XXI. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 10, n. 3, p.01-16, 2016.

IZEL, Adriana. Em crescimento, carnaval de Brasília terá mais de 20 blocos estreados: Reafirmando a força do carnaval de rua de Brasília, folia contará com a presença de novas trupes. *Correio Brasiliense*, Brasília: 19 de janeiro de 2020. Disponível em <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/01/19/interna_diversao_arte,821230/novos-blocos-carnaval-de-brasilia-2020.shtml> Acesso em: 19 out. 2020.

KRAEMER, R. D. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Trad. Jusamara Souza. *Revista Em Pauta*. Porto Alegre, ano 11, n. 16/17, p. 49-73, 2000.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e a África: história dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 – 2000)*. 2010. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2010.

LISBOA, Daniel. *Coletivo lança manifesto contra “domesticação” do carnaval paulistano*. Notícias UOL, São Paulo: 21 de fevereiro de 2019. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/carnaval/2019/noticias/redacao/2019/02/21/coletivo-lanca-manifesto-contradomesticacao-do-carnaval-paulistano.htm>> Acesso em: 3 nov. 2020.

LOPES, Valquiria. Carnaval de BH cresce e rouba foliões de cidades do interior com tradição carnavalesca. *Jornal Estado de Minas Gerais*, Belo Horizonte: 17 de janeiro de 2015. Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/01/17/interna_gerais,608833/carnaval-de-bh-cresce-e-rouba-folhoes-de-cidades-do-interior-com-tradi.shtml> Acesso em: 19 out. 2020.

MAIO, Ivone dos Passos. Ocupando o espaço público com festa, arte e política: teorias leigas sobre os sentidos de participação política. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 20., 2021, Belém. *Anais eletrônicos do vigésimo congresso brasileiro de sociologia*. 2021.

MARTINS, Daniel Marcos. Música, identidade e ativismo: a música nos protestos de rua no Rio de Janeiro (2013-2015). *Revista Vórtex*, Paraná, v.3, n. 2, p. 188-207, 2015.



MARTINS, Daniel Marcos. *A música nos protestos de rua do Rio de Janeiro: uma etnografia do Bloco do Nada (2013-2016)*. 2017. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MARTINS, Daniel Marcos. “Artivismo”, ativismo musical e outros engajamentos: atuação nas ruas e construção de discurso. In: COLÓQUIO DE PESQUISA DO PPGM/UFRJ, 15., 2020, Rio de Janeiro. *15º Colóquio de Pesquisa do PPGM/UFRJ, v. 1, Educação Musical e Musicologia. Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2020, p.75-84.

MILLS, C. Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

NATTIEZ, Jean-Jacques; COELHO, Lucas de Lima (trad.); LACERDA, Marcos Branda (trad.). Etnomusicologia. *Revista Música (Dossiê Música em Quarentena)*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 417-434, 2020.

ROZZINI, José Everton da Silva. *Educação musical na Cuíca: percussões e repercussões de um projeto social*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

SOUZA, Jusamara. A educação musical como campo científico. *Olhares & Trilhas Uberlândia*, v.22, n.1, p. 9-247, 2020.

SOUZA, Jusamara. Contribuições teóricas e metodológicas da sociologia para a pesquisa em educação musical. 5º Encontro Anual ABEM e 5º Simpósio Paranaense de Educação Musical, Londrina (PR). *Anais...* ABEM: Londrina, 1996, p. 11-40.

TOLIO, Márcio Luiz. *Atoque – música – família: significados da educação musical em um projeto social*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2017.

TOURINHO, Ana Cristina Gama. *A motivação e o desempenho escolar na aula de violão em grupo: influência do repertório de interesse do aluno*. 1995. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, 1995.

VIRGÍLIO, Paulo. *Rio é referência no crescimento de blocos de rua no país: aumento do número de blocos significa a retomada de uma das tradições*. Empresa Brasil de Comunicação. Brasília: 13 de fevereiro de 2016. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-02/rio-e-referencia-para-o-crescimento-de-blocos-de-rua-no-pais>> Acesso em: 18 out. 2020.